



CIDADE [RE]VISITADA: A 25ª MARATONA FOTOGRÁFICA DE FLORIANÓPOLIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL

Rodrigo Kincheski¹

Resumo

O estudo teve como tema a Maratona Fotográfica de Florianópolis, cujas imagens fotográficas expõem olhares sobre a cidade. Definiu-se como objeto de estudo as vinte fotografias eleitas como melhores e presentes no catálogo da 25ª edição do evento cuja temática foi “cidade [re]visitada”. O objetivo deste estudo foi desvelar a Maratona Fotográfica de Florianópolis como um possível agente de Educação Ambiental não formal, elucidando relações com temas transversais associados à Educação Ambiental. Para tanto, perpassou-se pela revisão bibliográfica; análise das imagens fotográficas (recorte da pesquisa), sua classificação pelos temas ambientais e culturais e sua descrição formal para destacar elementos que constituem conexões com os temas transversais, além de uma entrevista com o curador da exposição de abertura do evento. A pesquisa viabilizou o acesso a um vasto cenário de análise e entendimento do evento como uma possível ferramenta dotada de um poder educacional em prol da Educação Ambiental não formal.

Palavras-chave: educação ambiental não formal, campo expandido, fotografia, maratona fotográfica de Florianópolis, tema transversal.

Introdução

Descrevo a fotografia como uma ação que se apropria do sujeito, do espaço e do tempo, atuando como instrumento de sensibilização política, social, ambiental e cultural. Não por acaso, quando essa minha percepção da fotografia se depara com as leituras e reflexões realizadas sobre o campo expandido (KRAUSS, 1984) e a convergência e divergência dos campos da arte (MACHADO, 2019) e a educação ambiental (REIGOTA, 2010), meus devaneios tornam a fazer sentido.

Como resultado dessa imersão, a arte da fotografia se mostra capaz de ser um instrumento de Educação Ambiental quando seu núcleo de campo se hibridiza com o núcleo de campo da educação crítica não formal. Este instrumento ganha força quando é usado de forma temática, aglutinando os diversos olhares e as diversas verdades de cada fotógrafo.

¹ Egresso do curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase na formação de professores do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus São José.. E-mail: juliaelen27@gmail.com



O presente estudo teve como tema a Maratona Fotográfica de Florianópolis (2019), cujas imagens fotográficas expõem vários olhares sobre a cidade. Foi definido, como objeto de estudo, as vinte fotografias eleitas como melhores e presentes no catálogo da 25ª edição do evento cuja temática foi “cidade [re]visitada”.

A Maratona Fotográfica de Florianópolis é um concurso realizado anualmente que busca captar, pelos olhos dos participantes, os encantos e dilemas enfrentados pela cidade contemporânea. Assim, advém uma pergunta: pode-se então, desvelar o evento “Maratona Fotográfica de Florianópolis” como um possível agente de Educação Ambiental não formal por meio da análise das vinte imagens fotográficas escolhidas pelos jurados como as melhores fotografias da 25ª edição e perceber suas relações com temas transversais associados à Educação Ambiental (sociais, ambientais, culturais, étnicos, econômicos e políticos)?

Para responder essa pergunta foi necessário perpassar por algumas etapas específicas: refletir sobre os conceitos acerca da Educação Ambiental (formal e não formal), fazer a leitura de imagens fotográficas e da expansividade dos campos da arte; analisar a história do evento “Maratona Fotográfica de Florianópolis”, sua criação, seu contexto e suas transformações até a 25ª edição do ano de 2019; realizar a análise das vinte melhores imagens fotográficas selecionadas pelo evento no catálogo da 25ª edição da Maratona Fotográfica de Florianópolis - Tema: “cidade [re]visitada”, identificando nelas a sua articulação com os temas transversais da Educação Ambiental; entrevistar o curador da exposição de abertura do evento intitulada “O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis” como forma de obter a sua visão do evento frente aos temas transversais da Educação Ambiental.

Metodologia

Como objeto de partida na busca de desvelar a Maratona Fotográfica de Florianópolis como possível agente de Educação Ambiental, tem-se o catálogo de sua vigésima quinta edição composta por 74 fotografias dos fotógrafos vencedores do evento, divididas em conjuntos de ganhadores na modalidade Analógica e Digital (categorias 1, 2 e infantojuvenil). Além das categorias citadas, o evento promoveu a escolha das vinte melhores fotografias premiando as imagens que se destacaram independentemente de categoria e subtema.



Na análise das fontes e a partir da problematização proposta buscou-se um olhar de quem passa e encontra, sem ter buscado. Nesse sentido o entendimento foi de que estas vinte imagens poderiam ser objeto de estudo já que contemplam uma diversidade etária e temática sem categoria específica.

Posto isso, as etapas definidas na metodologia para esta pesquisa estão apresentadas e descritas a seguir: revisão bibliográfica, análise das imagens fotográficas que formam o recorte da pesquisa amparado com o pensamento de Roland Barthes e com a descrição formal das fotografias para destacar elementos que constituem conexões com os temas ambiental e cultural, além de uma entrevista com o curador da exposição de abertura do evento e discussões com teóricos.

Explicitando cada etapa, foi realizado inicialmente uma revisão bibliográfica com fichamentos, elaboração de esquemas acerca de assuntos classificados como *hibridizantes* (fotografia, arte e educação crítica).

Na abordagem de análise de imagem, optou-se por não seguir um caminho teórico rígido⁸ conhecido para leitura de imagem, mas sim um exercício que busca o significado dos elementos e objetos, interpretando temas e conceitos no contexto cultural e histórico da imagem; assim se aproximando de uma leitura iconográfica. Ponderei também a proposta de Robert Ott para a leitura de imagem de descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar, como cita Rosa Iavelber (IAVELBER, 2003, p. 76).

Após esta aproximação com a teoria e seus autores, buscou-se a definição de como seria a interlocução com as imagens, com o objetivo de “identificação”, nas imagens fotográficas, de pontos/elementos visualmente presentes e que se conectam com os temas transversais da Educação Ambiental. Estes temas transversais possuem amplo alcance (até mesmo pela intenção de amplas conexões no ambiente educacional). Essas conexões se intensificaram em 2014, quando o evento tornou explícita a preocupação em extrapolar o caráter formativo e educacional da maratona, com a ampliação da faixa etária da modalidade infantojuvenil para até os dezessete anos com a inclusão de palestras no dia e local de abertura.

Nessa edição comemorativa de vinte e cinco anos de evento, visando a disseminação da cultura patrimonial da Ilha de Santa Catarina e a memória da Maratona Fotográfica, foi apresentada uma exposição de abertura intitulada “O Retrato do Patrimônio da Cidade no

⁸ Ana Mae Barbosa, Luciana Mourão Arslan, Maria Helena Martins e Rosa Iavelberg são grandes teóricas do ensino da arte que, dentre outros autores, sustentam a importância da imagem como ponto de construção de conhecimento pela leitura de imagens.



Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis”, com a curadoria de Anderson Carlos Santos de Abreu, na Casa da Memória (espaço de pesquisa etnográfica que trabalha com o patrimônio imaterial de Florianópolis). A exposição expôs os 25 anos de possíveis narrativas estéticas sobre o patrimônio material e imaterial no itinerário histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis. Nesse ensejo, optou-se por usufruir daquela narrativa e utilizar dois temas transversais: o ambiental e o cultural, criando seis grupos de imagens fotográficas (dentre as vinte escolhidas como as melhores) formados por aproximação de assuntos para uma melhor análise e apresentação dos resultados da pesquisa.

Como diretriz para a análise das imagens fotográficas foi definido iniciar com a descrição formal da imagem para destacar os elementos que constituíssem conexões com os temas transversais propostos (ambiental e cultural). Esta conexão é evidenciada com detalhamentos e discussões com teóricos que desenvolveram estudos acerca de temas sociais, étnicos, econômicos e políticos em suas obras.

A intenção inicial não foi uma análise técnica ou estética da arte de um ou outro fotógrafo, e sim buscar uma análise (das imagens fotográficas premiadas do evento), por meio de um “diálogo”, tendo em mente (a resposta para) a hipótese apresentada.

De acordo com Barthes (1984, p. 16), “seja o que for que ela dê [a fotografia] a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”. Não é ela, somente ela, que determina sua mensagem, uma vez que ela é o resultado do olhar do *Operator*⁹ que, naquele momento captado, determina a sua aventura. Há algo na fotografia que o *Spectator*¹⁰, neste caso, somente ele, desvela da aventura o *studium*¹¹ da imagem ou o que ela desperta de relevante, de urgente, de pungente: o *punctum*¹².

Busquei, então, identificar essa pungência na análise do recorte definido das fotografias da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

⁹ O *Operator* [o fotógrafo] possui uma “visão recortada pelo buraco de fechadura da câmera escura” (BARTHES, 1984, p.21).

¹⁰ O *Spectator* é aquele que possui “[...] duas experiências: a do sujeito olhado e a do sujeito que olha” (BARTHES, 1984, p.21).

¹¹ O *studium* é o que mais se aproxima do que o *Operator* capta, “[...] que não quer dizer, pelo menos de imediato, ‘estudo’, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p.45).

¹² O *punctum*, se mostra como o “[...] elemento que vem quebrar (ou escandir) o *studium*. [...] *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte [...] é esse acaso, que nela [fotografia], me *punge* (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 1984, p.46).



Resultados e discussões

A fotografia tem o poder de identificar e “congelar” momentos isolados e situações ampliadas, algumas vezes inimagináveis e imperceptíveis; a sensação ou ímpeto de descobri-las estimulou a sua escolha como linguagem de análise.

Sebastião Salgado, quando questionado pelo jornal *El País* (Argentina) sobre se a fotografia segue sendo a ferramenta mais poderosa de alerta para a importância de conservar o meio ambiente e patrimônio cultural humano, respondeu que não acredita que seja a principal; a fotografia é um instrumento. Segundo Salgado (2020), “a fotografia, só, não fará nada, mas a fotografia é um destes instrumentos que levam a informação às pessoas e que permitem às pessoas participarem de alguma forma”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Kossoy (ANIC, 2020), expõe que “ela [a imagem fotográfica], juntamente com o texto, com a leitura, com a cultura, com o conhecimento, ela se compõe. Então é uma composição”.

Feijó (DESCONDICIONAMENTO, 2017) afirma que “todo observador é um coautor da imagem”. Segundo ele, o olhar do fotógrafo é generoso apresentando “outra possibilidade de o observador pensar, de ele ser ele olhando a fotografia; ela [fotografia] se amplia (não no tamanho) na sabedoria e na cultura do observador”.

A fotografia possui a função de ser um “meio” e não um “fim”, ou seja, seu caráter informativo e elucidativo incita a reflexão sobre temas diversos e não poderia ser diferente em relação à Educação Ambiental. Na imagem captada pelo fotógrafo, é ofertada uma gama enorme de signos que podem desvelar-se solitariamente ou em composição, proporcionando, em uma leitura atenta, a tradução de realidades, correlações e alertas ambientais, culturais, sociais, econômicos. Para a presente pesquisa, os temas transversais característicos da Educação Ambiental, se entrelaçam e se comunicam com o fotógrafo e com os sujeitos que observam a imagem transformada e que também transforma, provocando a discussão, a análise crítica e ações que podem mudar o mundo em que vivemos.

A pesquisa viabilizou o acesso a um vasto cenário de análise, interpretação e identificação de temas transversais presentes nas imagens fotográficas. Em entrevista com o curador da exposição foi possível questionar se, em seu entendimento, a Maratona Fotográfica de Florianópolis podia ser definida como um agente de Educação Ambiental não formal – assim como de seu parecer quanto ao uso destas imagens fotográficas dentro e fora da sala de aula como instrumento para a Educação Ambiental –, ele respondeu que “sim, pois o uso



destas imagens fotográficas pode trazer um sentimento de pertença ao sujeito”. Esse pertencimento, para ele, “imprime no sujeito a sensação de organicidade fundamental para que haja uma percepção da dimensão dos problemas socioambientais”. Sob a sua perspectiva “é possível que esse pertencimento estenda-se da comunidade local para a comunidade global”, e como desdobramento poderia desvelar ao “sujeito a importância do pensar global e agir local para contribuir no processo de transformação social” (ABREU, 2022). Ainda mais, quando questionado se ele percebia uma relação possível entre o observador das imagens fotográficas com a identificação de alguns temas transversais da Educação Ambiental – e de que forma esta relação poderia ser pensada; pelos elementos presentes nas fotografias ou pela paisagem/cena como um todo – Abreu (2022) respondeu que sim. Para o curador esse processo ocorreria se consideramos os temas transversais sobre Educação Ambiental sensíveis às questões que envolvem patrimônio material e imaterial. A partir desse entendimento, proposto por Abreu, “essa relação nos permite pensar e considerar quais os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos” que “envolvem as discussões sobre a Educação Ambiental”. Por fim, ele considerou que poderíamos compreender que a Maratona Fotográfica, ao vincular tais discussões, “pode servir para nos auxiliar a pensar em uma Educação Ambiental voltada para a conscientização e tomada de decisões com mudanças de atitudes” (ABREU, 2022).

Considerações finais

A oportunidade em acompanhar as Unidades Curriculares do curso de especialização em Educação Ambiental me instigou a compor relações e devaneios acerca da Educação Ambiental formal e não formal; conhecer e entender a dificuldade de aplicação no currículo dos temas transversais característicos da Educação Ambiental.

Desta forma – no decorrer do aprendizado na aproximação ao texto de Cassiano Quilici intitulado *O Campo Expandido: arte como ato filosófico* – pude conhecer e problematizar a amplitude de possibilidades que a arte pode oferecer, e questionar: por que não expandir os campos da arte em prol da Educação Ambiental?

Por meio da leitura de Machado (2019), mergulhei na essência da arte, pois a essência de cada campo apesar de isolada não é inerte. Seus respectivos campos divergem e convergem constantemente, gerando reflexo em suas essências. Sendo assim, envolvido em uma



organização de pensamentos, trouxe para discussão a arte da fotografia e a educação crítica em um amadurecimento de ideias.

A pesquisa realizada demonstra que a arte, em seu campo expandido, pode ser utilizada como uma aliada à educação crítica. No estudo aqui abordado apresentou-se em uma de suas vertentes (a fotografia), o estímulo à busca pelo entendimento do cotidiano; do que nos cerca.

A investigação de registros fotográficos da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis possibilitou refletir acerca dos temas transversais atribuídos à Educação Ambiental, alcançando os objetivos inicialmente previstos.

Agradecimentos e apoios

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), pelo apoio financeiro concedido por meio do Edital nº 05/2025 para a realização do 7º Seminário Institucional de Iniciação à Docência do IFSC.

À professora/orientadora Ma. Sandra Albuquerque Reis Fachinello, pelo apoio no desenvolvimento de meu TCC e pela dedicação à educação no país.

Referências

ABREU, Anderson Carlos Santos de. Mensagem pessoal. [11/02/2022]. Entrevista recebida por Rodrigo Kincheski.

ANIC, L. C. **A realidade da imagem não é a do fato**. Gama, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/a-realidade-da-imagem-nao-e-a-do-fato/>. Acesso em: 15 out. 2021.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DESCONDICIONAMENTO do olhar com Cláudio Feijó em diálogos 297. São Paulo: Creative Commons, 2017. 1 vídeo (1:31:05). Publicado pelo canal mau & amigos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sr2wRKmukoo>. Acesso em: 15 out. 2021.

FUNDAÇÃO CULTURA DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES. Cidade [re]visitada – Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis. Florianópolis: FCFEC, 2019. Disponível em: Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/maratonafotografica/pdf/catalogo_maratona_25.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.



KRAUSS, R. **A escultura no campo ampliado**. Reedição da tradução de Elizabeth Carbone Baez publicada no número 1 de Gávea, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura, da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1984, p. 87 – 93.

MACHADO, A. **A arte e mídia**. 3ª reimpressão. São Paulo: Zahar, 2019.

MACHADO, A. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**. 1ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

QUILICI, C. O campo expandido: arte como ato filosófico. **Sala Preta**, v. 14, n. 2, p. 12-21, dezembro, 2014.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. Coleção Primeiros Passos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2010.

SALGADO, S. Podcast – SOS no Amazonas. *Extra EPS con Montserrat Domínguez. El País*. Publicada em 11 jun. 2020.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.